

DIÁLOGOS ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA: DO ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO AO NOVO ROMANCE HISTÓRICO

Carla Lavorati¹

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira²

Odisséia

RESUMO: O objetivo do estudo é analisar como se estabelece o diálogo entre ficção e história dentro do gênero literário romance histórico. A análise seguirá pelos caminhos da crítica e da teoria literária, com enfoque para os estudos de Hayden White, Georg Lukács, Seymour Menton, como também, para os estudos da “nova história” de Peter Burke e Michel de Certeau. Desse modo, buscamos compreender como ocorre a representação literária dos acontecimentos históricos dentro dos romances e, de que modo, essas (re) leituras romanceadas de fatos da história influenciam na manutenção ou ruptura de valores identitários.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; História; romance histórico.

ABSTRACT: The objective of the present study is to analyse how to establish a dialogue between fiction and history within the literary genre of historical romance. The analysis will follow the paths of criticism and literary theory, focusing on studies of Hayden White, Georg Lukacs, Seymour Menton, as well as for studies of the "new history" by Peter Burke and Michel de Certeau, Thus, we seek to understand the representation of historical events in literary novels, and how, these romanticized (re) readings of the facts of history influence the maintenance or disruption of identity values.

KEY WORDS: Literature; History; historical romance

O segredo da verdade é o seguinte, não existem fatos, só existem histórias.

João Ubaldo Ribeiro
(*Viva o povo brasileiro*)

A dinâmica entre História e ficção apesar de não ser uma especificidade do romance histórico, visto que podemos observar a presença desse diálogo em outras formas narrativas (epopéia, canções de gesta, mito), ganha por meio desse um espaço de ricas possibilidades de atuação. Essa

¹ Graduada em Letras Português e suas Literaturas e Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Guarapuava-PR. Pós Graduada em Ensino e História da América Latina, Unicentro.

² Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Guarapuava-PR.

confluência, no interior dos romances históricos, longe de se apresentar como um processo homogêneo – na manutenção das relações de valores entre História/ficção – mostra-se plural e multifacetado, numa ligação direta com os valores e crenças em *voga* no momento de sua produção. A partir disso, pretendemos analisar como ocorreram esses encontros nos diferentes momentos históricos e, conseqüentemente, as principais diferenças de abordagem e utilização do fato histórico pela literatura romancesada.

No século XIX, época de ímpeto iluminista e crença num progresso que seria alcançado por meio da construção das nações, o diálogo ficção/História ganha terreno propício para se desenvolver devido à necessidade, que se fez presente, da construção de uma história nacional. Surgem, então, narrativas com a pretensão de reconstituir um determinado tempo, acontecimento, fato do passado; “perceberemos que as grandes obras romanescas – as que tiveram recepção favorável e importante repercussão - são aquelas que, de uma forma ou de outra, evocam acontecimentos históricos, ou, pelo menos, se inserem num contexto sócio-histórico preciso”. (FREITAS, 1986, p. 3).

E isso se deve, em parte, à consciência do poder idealizante da História, da importância do seu discurso na formação de identidades, pois “[...] justo nas camadas privilegiadas da sociedade que vamos encontrar a formulação da identidade. Herdeira do século das luzes, aquela geração assistiu à necessidade de construir nação”. (PESAVENTO, 1998, p.23)

Essa época vê surgir e ganhar expansão um “modelo” narrativo que ficou conhecido como romance histórico clássico, após teorização desenvolvida por Georg Lukács com base na análise da obra *Ivanhoé* (1819) de Walter Scott.

We have attempted to outline the general framework of those economic and political transformations which occurred throughout Europe as a result of the French Revolution; in the preceding remarks we briefly sketched the latter's ideological consequences. These events, this transformation of men's existence and consciousness throughout Europe form the economic and ideological basis for Scott's historical novel. (LUKÁCS, 1962, p. 29)

A partir do estudo da obra de Georg Lukács, Antônio Esteves sintetizou as principais características do romance histórico clássico por meio do seguinte esquema:

- 1- A ação do romance ocorre num passado anterior ao presente do escritor, tendo como pano de fundo um ambiente histórico rigorosamente reconstruído, onde figuras históricas ajudam a fixar a época, agindo conforme a mentalidade de seu tempo.
- 2- Sobre esse pano de fundo histórico situa-se a trama fictícia, com personagens e fatos criados pelo autor. Tais fatos e personagens não existiram na realidade, mas poderiam ter existido, já que sua criação deve obedecer a mais estrita regra de verossimilhança. (1998, p. 129)

Desse modo, podemos concluir que o romance histórico clássico surgiu em meio a transformações sociais, políticas e econômicas que trazem à tona, nos indivíduos, a consciência da importância da história e do peso dos seus reflexos na vida dos homens. Idéias, essas, que entram em consonância com a aceitação do caráter científico que será proposto pela história.

Na segunda metade do século XIX, porém, com o advento do positivismo e, conseqüentemente, um contacto mais rigoroso com os documentos e com os meios de utilizá-los ‘objetivamente’, a História será submetida a um tratamento científico; passará então a ser definida como uma ‘ciência autêntica’, pretendendo assim conquistar sua especificidade e sua independência em relação à Literatura; a preocupação com o rigor e com a objetividade impera na pesquisa histórica, opondo-a diametralmente à livre invenção romanesca. (FREITAS, 1986, p. 2)

Ocorre, portanto, paralelo à edificação do romance histórico clássico, o desencadeamento de ideias de nacionalidade atreladas à visão positivista da história. Ou seja, crê-se na força que a História pode desempenhar para a criação de uma identidade nacional.

Surgem, portanto, embasados em feitos do passado e legitimados pelo presente, romances históricos que, apoiados na reconstrução de fatos históricos, têm a intenção de “conquistar sua especificidade e sua independência em relação à Literatura; a preocupação com o rigor e com a objetividade impera na pesquisa histórica, opondo-a diametralmente à livre invenção romanesca.” (FREITAS, 1986, p.2).

O romance histórico clássico passa a servir de instrumento para a exaltação e consolidação do sentimento nacionalista que, com o objetivo de resgatar uma história passada, passa a ser agente dessa história, construindo uma versão que sirva a interesses de hegemonia e supremacia.

Notamos, portanto, que as produções artísticas, nas suas diferentes formas de manifestação, mantêm uma relação direta com os contextos que as cercam. Por isso, relacionamos o surgimento de um novo modelo de romance histórico à existência precedente de modificações nas relações que circulam nas sociedades e, por sua vez, nos modos que a explicam e a representam.

Tais posturas se tornam ultrapassadas pelas novas questões que se colocam aos intelectuais neste limiar do novo século e milênio. Chamemos nosso tempo pela já desgastada fórmula da ‘crise dos paradigmas’ que questionou as verdades e os modelos explicativos do real, ou entendamos nosso mundo pelo recente enfoque da globalização, dotado hoje de forte apelo, o que parece evidente é que nos situamos no meio de uma complexificação e estilhaçamento da realidade, onde é preciso encontrar novas formas de acesso para compreendê-la. A rigor, cada geração se coloca problemas e ensaia respostas para respondê-los, valendo-se para isso de um arsenal de conceitos que se renova no tempo. (PESAVENTO, 2006).

O enfoque da pesquisa se volta para as mudanças observadas na área da História e da literatura. Na história, as mudanças advêm do surgimento da nova história - na terceira geração da *École des Annales*. A publicação que deu origem ao termo novo história foi a obra “Fazer a História”, organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora. Em síntese, é defendido que a mente humana, tampouco, a língua, ou a escrita, que é sua manifestação concreta, reflete diretamente a realidade. Com isso, passa a ser questionada a suposta neutralidade da linguagem. A história passa a ser encarada pelo viés do relativismo cultural e os historiadores que seguem esses novos parâmetros defendem que “percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, num entrelaçamento que varia de uma cultura para a outra.” (BURKE, 1992, p.15). Desse modo, aplicamos às nossas expressões uma carga de subjetivismo que impede a ação da neutralidade, o que, por sua vez, não nos leva a ignorar a existência e utilização de um método na prática da História, que se difere da livre invenção do ficcional.

Segundo Pesavento (2006), o historiador está preso tanto à condição do real acontecido como às fontes e documentos referentes a esse real. Ou seja, o historiador não está livre para criar – em sentido absoluto -, mas sim para atribuir significados, no intuito de aproximar-se, ao máximo, do acontecido, valendo-se, para isso, do uso de métodos (testagem, comparação, cruzamentos), para comprovar-se.

No entanto, independente da existência e utilização de métodos norteadores, a História é dependente do material concreto que é a escrita, e nisso reside seus limites e os questionamentos de seu estatuto de cientificidade. Pois a escrita passa a ser estudada além dos limites da construção vocabular e lexical, para ser compreendida em relação ao contexto, ao lugar de onde se escreve e a quem o escreve.

Qualquer historiador a sério sabe se parar para reflectir no que está a fazer à medida que pensa e escreve estar metido num processo contínuo de moldagem dos seus factos pela sua interpretação e da sua interpretação pelos seus factos. É impossível conceder a primazia a um dos termos em detrimento do outro. O historiador começa por fazer uma selecção provisória dos factos e por elaborar uma interpretação temporária à luz da qual aquela selecção foi feita – tanto por ele como por outros. À medida que trabalha, tanto a interpretação como a selecção dos factos são submetidas a modificações subtis e talvez parcialmente inconscientes, através da acção recíproca de uma sobre a outra. (CARR, 1961, p. 25).

Notamos, portanto, o avanço, principalmente a partir da segunda metade do século XX, de estudos que contemplam a concepção da linguagem enquanto produto de uma prática social, logo, subordinada a uma série de influências externas à própria linguagem, que, por sua vez, impossibilitam a existência da objetividade. Segundo Luiz Costa Lima (2006), o ato de reconstituição do passado traz sempre ao seu lado as marcas do tempo e do lugar social que ocupava, essas marcas atravessam a linguagem, que passam a ser compreendidas como meio subjetivo de retratação de uma realidade plural e multifacetada. Notamos, portanto, que as fronteiras que delimitam o gênero histórico e o literário tornam-se mais permeáveis, no momento em que a história passou a ser vista, por muitos estudiosos, como um discurso de ficcionalização da realidade. Nesse caso, o discurso histórico configura-se como um espaço onde estão presentes;

[...] relações entre um lugar (um recrutamento, um meio, um ofício, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (literatura). É admitir que ela faz parte da ‘realidade’ da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada ‘enquanto atividade humana, ‘enquanto prática. Nessa perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas ‘científicas’ e de uma escrita. (CERTEAU, 2006, p.66).

Essa visão da linguagem enquanto prática social irá se ligar às reflexões sobre a interferência do subjetivo na produção do discurso, já que o sujeito, produtor, passa a ser visto como incapaz de se despir das influências sócio-histórico-ideológicas em seu trabalho com a linguagem.

Dessa forma, podemos observar que na nova história encontraremos como base filosófica a idéia de que a realidade é social ou culturalmente constituída (BURKE, 1992, p.11). Nesse sentido, cai por terra as distinções entre o que é central ou periférico na história e, conseqüentemente, a idéia de que a história devia ter como base documentos e registros oficiais e se apoiar, primordialmente, neles, o que a colocava em negligência com outras fontes e a mercê da visão oficial, além de destoar da visão de cima que conduzia a história tradicional, concentrada em registrar apenas grandes personagens e acontecimentos, colocando os demais atores sociais como simples coadjuvantes da trama. Dessa maneira, é trocado “[...] individual, para o fragmento, para a percepção atomizada do mundo que caracteriza o homem de hoje, na medida em que o autor é um demiurgo que conta a sua versão de uma *História possível*”. (MELLO, 2008, p.131 *apud* PELLEGRINI, 1999, p. 116)

A história vai expandir sua área de atuação, como também lançará um olhar novo sobre o seu objeto de estudo. Dessa forma, sob uma “[...] influência interdisciplinar de saberes como a sociologia, a psicologia social e a antropologia, inicialmente, a história alargou seu leque de leituras estabelecendo um diálogo fértil com outros saberes, dessa forma, novas abordagens foram possibilitadas”. (SILVA, 2007, p. 3). É nesse contexto de pluralidade e interdisciplinaridade que o novo romance histórico se desenvolve e se difunde.

Mudanças conceituais no âmbito da teoria literária também contribuíram com o surgimento do novo romance histórico. As narrativas desse subgênero utilizaram os recursos disponibilizados pelo ficcional para recontar/reconstruir um determinado fato histórico. Sob tutela da ficção é

permitido que o novo romance histórico trabalhe com a matéria histórica de modo livre, desassociado da versão cristalizada pela história oficial. Desse modo, podemos dizer que o novo romance histórico, surgido no século XX, superou os limites da mera tentativa de descrição do real. É uma narrativa que busca problematizar o real por meio da análise e (re) interpretação da realidade.

O que move esse novo romance histórico é a vontade de reinterpretar o passado com os olhos livres das amarras conceituais criadas pela modernidade europeia do século XIX, é a consciência do poder da representação, da criação de imagens e, conseqüentemente, do poder de narrar e de sua importância na constituição das identidades das nações modernas. (FIGUEIREDO, 1997, p. 2.)

Combinadas a esses novos conceitos surgem narrativas que, diferentemente do romance histórico clássico, exploram as múltiplas possibilidades de utilização dos fatos históricos e questionam, por sua vez, a História oficial. Esse novo “modelo” surgido no século XX ficou conhecido como novo romance histórico. Fernando Ainsa, um dos estudiosos do tema, sintetizou as principais características por meio do esquema abaixo

1- La nueva novela histórica se caracteriza por efectuar una relectura del discurso historiográfico oficial, cuya legitimidad cuestiona. 2- La nueva novela histórica ha abolido la ‘distancia épica’ (Mijail Bajtin) de la novela histórica tradicional, al mismo tiempo que ha eliminado ‘la alteridad del acontecimiento’ (Paul Ricoeur) inherente a la historia como disciplina. 3- Esta abolición de la distancia épica se traduce en una reconstrucción y ‘degradación’ de los mitos constitutivos de la nacionalidad. 4- La historicidad del discurso ficcional puede ser textual y sus referentes documentarse con minucia o, por el contrario, la textualidad revestirse de las modalidades expresivas del historicismo a partir de una ‘pura invención’ mimética de crónicas y relaciones. 5- La nueva novela histórica se caracteriza por la superposición de tiempos diferentes. 6- La multiplicidad de puntos de vista impide acceder a una sola verdad histórica. 7- Las modalidades expresivas de la novela histórica son muy diversas. 8- La nueva novela histórica se preocupa por el lenguaje y utiliza diferentes formas expresivas – el arcaísmo, el ‘pastiche’ y la parodia – para reconstruir o demitificar el pasado. 9- La nueva novela histórica puede ser el ‘pastiche’ de otra novela histórica. (AINSA, 1991, p.18 à 30)

São narrativas que optam pela pluralidade discursiva e dão voz a outra história que foi ignorada, ou mesmo manipulada, pela história oficial e, dessa forma, também contribuem para a construção de uma identidade nacional, mas agora por meio de uma subversão do discurso dominante num processo conduzido pelas diferentes releituras que são produzidas.

Dessa maneira, o fato histórico e os personagens da história são abordados pelo escritor de maneira mais livre e subjetiva, abrindo espaço para a construção múltipla de sentidos, que se apóia na exploração dos detalhes que compõe a trama e na humanização de seus personagens;

Lançando mão de uma série de artimanhas ficcionais, que vão desde a ambigüidade até a presença do fantástico, inventando situações, deformando fatos, fazendo conviver personagens reais e fictícios, subvertendo as categorias de tempo e espaço, usando meias-tintas, subtextos e intertextos – recursos da ficção e não da história -, trabalhando, enfim, não no nível do que foi, mas no daquilo que poderia ter sido. (PELLEGRINI, 1999, p. 116)

Hayden White (2008), em sua obra *Meta-História: A imaginação Histórica do século XI*, considerou a historiografia como uma narrativa, que longe de manter a objetividade, lança-se ao

vasto universo das possibilidades, do subjetivismo; e, para isso, utiliza várias estratégias discursivas na sua construção.

Do nosso ponto de observação na oitava década do século XX podemos agora ver que quase todas as importantes disputas teóricas e ideológicas travadas na Europa entre a Revolução Francesa e a Primeira Guerra Mundial foram na realidade disputas, que visavam determinar que o grupo poderia reivindicar o direito de estabelecer em que poderia consistir uma representação 'realista' da realidade social. (WHITE, 2008, p.60)

Linda Hutcheon (1991) em sua obra *A poética do pós-modernismo* estabelece relações entre romance histórico e metaficção historiográfica. "A metaficção historiográfica, por exemplo, mantém a distinção de sua auto-representação formal e de seu contexto histórico, e ao fazê-lo problematiza a própria possibilidade do conhecimento histórico" (HUTCHEON, 1991, p.142).

Os trabalhos recentes de Hayden White, Paul Veyne, Michel de Certeau, Dominick LaCapra, Louis O. Mink, Fredric Jameson, Lionel Gossman e Edward Said, entre outros, levantaram a respeito do discurso histórico e de sua relação com o literário as mesmas questões levantadas pela metaficção historiográfica: questões como as da forma narrativa, da intertextualidade, das estratégias de representação, da função da linguagem, da relação entre o fato histórico e o acontecimento empírico, e, em geral, das conseqüências epistemológicas e ontológicas do ato de tornar problemático aquilo que antes era aceito pela historiografia – e pela literatura- como uma certeza. (HUTCHEON, 1991, p. 14)

Desse modo, podemos aproximar a metaficção historiográfica e o novo romance histórico pela característica de serem textos que têm como base um acontecimento histórico, ou seja, ambas são narrativas que usam na construção de seu discurso a História. No entanto, a metaficção historiográfica tem como característica marcante a recorrente utilização da paródia, da carnavalização e da dialogia, recursos estes, que não são necessariamente utilizados em todos os exemplares do novo romance histórico. Ressaltamos que o objetivo do trabalho não engloba a análise dos conceitos bakhtinianos nas narrativas históricas, por isso, eles não serão explorados nessa pesquisa.

Logo, essas narrativas – metaficção historiográfica e novo romance histórico - não têm mais preocupações em manter uma aliança com a "verdadeira" História nacional. Como aponta Cristiano César Gomes da Silva (2007, p. 43) em seu artigo - *Entre a História e a Literatura: as múltiplas letras, os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos*:

Eles podem recriar, reinventar personagens na busca de melhor representar suas idéias. Não há mais a necessidade de se criar ou identificar o patriotismo ou a nacionalidade como nos romances históricos do século XIX e, por isso, cabe ao autor adentrar na História e tirar dela o que de melhor houver para a representação ficcional, sem compromisso com a História oficial.

Essas narrativas, portanto, não mantêm o compromisso com o real, mas sim, com o verossímil que é uma realidade possível que se aparenta com a verdade.

Não estamos sendo testemunhas de uma degeneração rumo ao hiper-real sem que haja origem ou realidade, mas sim um questionamento sobre qual pode ser o sentido "real" e de maneira podemos conhecê-lo. A função da reunião

entre o historiográfico e o metaficcional em grande parte da ficção contemporânea, desde as obras de Fowles e de Doctorow até as de Eco e de García Márquez, é conscientizar o leitor sobre a distinção entre os acontecimentos do passado que realmente ocorreu e os fatos por cujo intermédio proporcionamos sentido a esse passado, por cujo intermédio presumimos conhecê-lo. (HUTCHEON, 1991, p.281)

Essa visão está inserida no contexto da pós-modernidade que segundo Linda Hutcheon (1991, p. 20) é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia – seja na arquitetura, na literatura, na pintura, na escultura, na historiografia; “é uma reavaliação crítica, um diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade”.

Ocorre, portanto, um tensionamento do discurso histórico e a produção de novas significações por ela promovida na modernidade. É nesse contexto que os autores encontram espaço para trabalhar com culturas periféricas. Nessa perspectiva, destacam-se as narrativas de Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa, Isabel Allende, Gabriel Garcia Márquez, Alejo Carpentier, Augusto Roa Bastos, entre outros.

O novo romance histórico na América Latina se alimentará de lendas, fantasias e imaginação, e também, se ocupará de trabalhar com os personagens históricos que, em algum momento, estiveram ligados a sua História.

La narrativa concilia las raíces didácticas e históricas del género novelesco con la recuperación estética de formas anteriores como la oralidad, mitos y tradiciones y la actualización de los sub-géneros que están en el origen del discurso ficcional (parábolas, crónicas, baladas, leyendas ‘caracteres’, etcétera). (...) De ahí la reconstrucción de mitos y creencias del pasado por la ironía, la parodia o el grotesco que caracterizan la nueva narrativa histórica. (AINSA, 1991, p. 14)

Os fatos e personagens históricos migram para o território da ficção e permitem, dessa forma, que se reveja a história do continente sob outra ótica. Enfim, propiciam a coexistência amigável e complementar entre a História e a ficção.

Esse novo momento do romance histórico está estreitamente ligado ao território da América Latina e a sua necessidade de romper com o silêncio imposto por uma colonização forçada. Silêncio esse que excluiu o direito dos dominados de contar sua própria história e, com isso, contribuiu, por muito tempo, com a predominância do discurso dominante, em detrimento de uma história mais abrangente e descentralizada.

O romance do escritor argentino Alejo Carpentier, *O reino deste mundo* (1949), é considerado o marco do gênero, pois nele encontramos as principais características que apareceram em outros romances produzidos a partir da década de 70, no século XX.

Notamos, portanto, que o novo romance histórico mantém clara despreensão na busca da verdade histórica, ao passo que questiona o discurso histórico oficial e a validade de seus documentos bases numa postura crítica que tende a diluir os conhecimentos cristalizados ao longo do tempo.

Essa atitude mantém fina sintonia com o momento histórico que vivemos. Época que vê “cair por terra” muitas de suas certezas enquanto vêm à tona as vastas contradições que formam o presente e compõem o passado. Por isso, a História é absorvida pelo discurso ficcional com o objetivo de problematizar, questionar, avaliar e, até mesmo, subverter as informações ali contidas, numa atitude de superação de velhos conceitos que não mais abarcam as complexidades do presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGUIAR, Flávio et alii (orgs.). **Gêneros de fronteira. Cruzamentos entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997.
- AINSA, Fernando. **La reescritura da la Historia en la nueva narrativa Latinoamericana**. In: Cuadernos Americanos. Nueva Epoca. Año V. Vol. 4. México. 1991, p. 13 – 31.
- BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CARR, E. H. **Que é História?** Trad. Ana Maria Prata Dias da Rocha. Lisboa, Gradiva, 1961.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- ESTEVES, Antonio R. **Considerações sobre o romance histórico (No Brasil, no limiar do séc. XXI)**. Revista de Literatura, História e Memória. Vol.4, nº4, p. 53-66, 2008.
- FIGUEIREDO, Vera Follain de. **O romance histórico contemporâneo na América Latina**. Revista Brasil de Literatura. Rio de Janeiro: 1997. Também disponível em: <http://members.tripod.com/~Ifilipe/Vera.html>. Acesso em: 23/07/2008.
- FREITAS, Maria Teresa. **Literatura e história**. São Paulo: Atual, 1986.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. de Ricardo Cruz. Rio, Imago, 1991.
- LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PELLEGRINI, Tânia. **A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade**. Olhar - Revista do CECH (Centro de Ciências Humanas).
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional**. In: Discurso histórico e narrativa literária. Campinas: Unicamp, p. 17-40, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Debates, 2006. Publicado em 28 de janeiro de 2006. (<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>)
- LUKÁCS, Georg. **The historical novel**. Penguin Books, 1962.
- SANTOS, Pedro Brum. **Teorias do romance: relações entre ficção e história**. (org). Santa Maria: Ed. UFSM, 1999.
- SILVA, Cristiano Cezar Gomes. **Entre a história e a literatura: as múltiplas letras, os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos**. Revista Fênix- Revista de História e Estudos Culturais. Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2007 Vol. 4 Ano IV nº 4. ISSN: 1807-6971 Disponível em: www.revistafenix.pro.br
- WHITE, Hayden. **Introdução. Meta-História. A imaginação histórica do século XIX**. São Paulo: EDUSP, 2008.